

# “NORMAN, THIS IS OUR CHANCE TO START OVER”<sup>1</sup>: A TRADUÇÃO COMO RECRIAÇÃO NA SÉRIE BATES MOTEL

Davi Silva Gonçalves<sup>2</sup>  
Gabriel Machado Antunes<sup>3</sup>

Resumo: Este trabalho tem o intuito de analisar os personagens Norman e Norma Bates, representados na série *Bates Motel* (Cuse, 2013-2017). O objetivo é analisar as construções desses personagens em uma adaptação no formato de seriado televisivo. Metodologicamente, o presente trabalho estuda a narrativa até a terceira temporada, tendo como base os estudos da Tradução Intersemiótica, de Julio Plaza (1987); e da Teoria da Adaptação, de Linda Hutcheon (2006). Buscamos identificar características representativas que não são apenas uma alusão ao material original, mas sim uma marca que nos permite olhar com outras perspectivas a história das personagens. Nesse sentido, esta pesquisa busca compreender como as adaptações não se caracterizam por sua suposta fidelidade ao material original e são uma obra à parte com características próprias e, também, originais.

Palavras-chave: Adaptação. Intersemiótica. Bates Motel.

## “NORMAN, THIS IS OUR CHANCE TO START OVER”: TRANSLATION AS RECREATION IN BATES MOTEL SERIES

Abstract: This study aims to analyze the characters Norman and Norma Bates, as portrayed in the television series *Bates Motel* (Cuse, 2013–2017). The objective is to examine how these characters are constructed within the format of a TV series adaptation. Methodologically, this research focuses on the narrative up to the third season, drawing on Julio Plaza’s (1987) studies of Intersemiotic Translation and Linda Hutcheon’s (2006) Theory of Adaptation. We seek to identify representative features that are not merely allusions to the original material but rather marks that allow new perspectives on the characters’ stories. In this sense, the research aims to understand how adaptations are not defined by their supposed fidelity to the source material, but rather stand as independent works with their own unique and original characteristics.

Keywords: Adaptation. Intersemiotic. Bates Motel.

- 1 “Norman, esta é a nossa chance de recomeçar” é uma fala da personagem Norman que ocorre no primeiro episódio da série, intitulado “*First you dream, then you die*” (S01E01. 10:00). Escolhemos esse trecho como título porque ele resume a construção da relação entre mãe e filho, marcada pela constante busca por recomeços e pela tentativa de superar momentos difíceis. As aspas que utilizamos tanto aqui quanto nos subtítulos decorrem do fato de estarmos referenciando o material consultado ao longo da pesquisa.
- 2 Professor do departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), campus Irati. E-mail: [davisg@unicentro.br](mailto:davisg@unicentro.br).
- 3 Professor do departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), campus Irati. E-mail: [gmantunes@unicentro.br](mailto:gmantunes@unicentro.br).

## Introdução: “Um Novo Original”

Os estudos da tradução intersemiótica têm como um dos princípios analisar aspectos, influências ou relações existentes entre duas ou mais obras, podendo ser em livros, músicas, pinturas, filmes, seriados, dentre outros, como enfatiza Amorim (2013), Julio Plaza (1987) e Linda Hutcheon (2006). As pesquisas buscam reconhecer as transposições de diferentes tipos de signos, validando-os em outras formas de produção. A teoria da adaptação, conforme trazida por Hutcheon (2006), também tem como princípio o intercâmbio entre obras e os significados adaptados, a apropriação dos sentidos e os processos de transfiguração para outras mídias. Sendo assim, analisamos o seriado de televisão, *Bates Motel*, produzido de 2013 a 2017 por Carlton Cuse<sup>4</sup>, por meio das contribuições teóricas da tradução intersemiótica e da teoria da adaptação. Embora tenha 5 (cinco) temporadas, optamos por fazer um recorte, analisando apenas as 3 (três) primeiras temporadas.

Mais especificamente, pretendemos, nesta pesquisa, observar a construção do personagem Norman Bates, da série *Bates Motel*, e a relação dele com sua mãe, Norma Bates, para, assim, refletir sobre a evolução dos dois personagens. Também temos como objetivo analisar as novas características que a releitura da história traz por meio do seriado, como por exemplo: o desenvolvimento do espaço, elementos temporais e personagens. É importante ressaltar que, por ser um seriado de televisão, os episódios devem cativar e prender a atenção dos telespectadores de um episódio para outro e, portanto, na narrativa deve haver constantes picos de problemas e soluções, e as construções dos personagens é mais lenta.

4 Há também o romance *Psycho* (1959), de Robert Bloch, que deu origem a adaptação para filme e sequencialmente transformado em seriado; para este trabalho, entretanto, optamos por utilizar apenas a série como nosso objeto de análise, de modo a dedicar a ela a profundidade necessária.

Com isso, é também do nosso interesse analisar as características presentes no seriado que ajudaram a construir os personagens. Portanto, em resumo, refletimos nesta pesquisa acerca da construção do seriado como um “novo original”.

Dito isso, nosso objetivo geral é analisar o desenvolvimento das narrativas e personagens do seriado *Bates Motel* (Cuse, 2013-2017). Nossos objetivos específicos, assim, são: 1) Identificar se e de que maneira os conceitos de tradução e de adaptação contribuem para a análise da adaptação da série; 2) Estudar as características dos personagens, principalmente Norma e Norman Bates, para refletir acerca de suas diferenças, semelhanças e, principalmente, possível complementaridade; 3) Elencar os elementos que, através da série, são introduzidos na nova roupagem das narrativas da mãe e do filho, em paralelo com a transição espaço-temporal implicada por esse processo de recriação.

Com relação à metodologia deste artigo, foi feita uma seleção de trechos para conduzirmos a análise com a perspectiva qualitativa, considerando os aspectos visuais, simbólicos e discursivos. Selecionamos cenas que tivesse critérios como: relevância para construção dos personagens; elementos que indicaram estratégias de adaptação; e impacto na trama ou conflitos que afetam os personagens da análise. Buscamos, por meio da teoria de Plaza (1987) e Hutcheon (2006), interpretar como os signos são recodificados para produzir novos sentidos. A escolha por analisar os personagens Norma e Norman Bates – ainda que outros personagens importantes façam parte da narrativa – se dá em função da importância que a ligação entre mãe e filho tem para o desenvolvimento da série – principalmente para a construção do personagem Norman desde sua infância. Ambos os personagens centrais serão discutidos tendo em vista sua relação com outros personagens e elementos que surgem nas tramas da série. Mesmo contendo 5 (cinco) temporadas, o nosso recorte de episódios de *Bates Motel* (Cuse, 2013-2017)

consiste nas três primeiras. Esse procedimento se justifica por conseguirmos observar a relação das personagens e como se dá evolução para o que, cronologicamente, encontramos no filme. Depois da terceira temporada, a série explora muitos elementos que referenciam e conectam com as obras anteriores. Por esse motivo, temos o interesse de refletir sobre as possíveis maneiras que a série contribui com a gênese da construção personagens Norma e Norman Bates.

### Fundamentação teórica: “Ponte entre pretérito-presente-futuro”

Como se trata de uma obra adaptada, utilizamos como fundamentação teórica os estudos da tradução intersemiótica, de Julio Plaza (1987), e da teoria da adaptação, de Linda Hutcheon (2006). Segundo Amorim (2013, p. 17-18), “[...] além da tradução do verbal para outros sistemas de signos como a dança, a música etc., poderíamos também considerar como tal a passagem de outros sistemas de signos para expressões verbais, abrindo uma visão dialética para a teoria que se propôs a desenvolver” (Amorim, 2013, p. 17-18). Nesta citação, o autor se refere às adaptações de livros para filme, mas, partindo disso, a tradução para um seriado também é possível e, dessa maneira, o foco é encontrar as distintas características nas recodificações de signos e analisar como essas adaptações são feitas e desenvolvidas na série *Bates Motel* (Cuse, 2013-2017).

Levando em consideração que a adaptação faz uma transcodificação dos signos do que poderia ter acontecido antes do que foi apresentado nas outras obras — filme e livro *Psycho*, Hitchcock (1960) e Robert Bloch (1959). Por isso, a série cria uma história munida de originalidade por passar pelo passado, presente e, inclusive, o futuro que lhe serviu de fonte, indo além do romance ou da narrativa fílmica. De acordo com Amorim

A tradução cria um original sobre o passado, realizando uma ponte entre pretérito-presente-futuro. É interessante ressaltar que, a partir da ciência da tradução como retextualização que cria um novo original, o autor [Plaza, 1987] nega, implicitamente, critérios como o da **fidelidade** para o julgamento das traduções. (Amorim, 2013, p. 18, ênfase nossa).

Assim como Plaza (1987) e Amorim (2013), em nosso estudo não existe o menor interesse em julgar a qualidade do processo de transposição narrativa; é, para nós, irrelevante saber o grau de fidelidade da obra adaptada, sendo esse uma ideia obsoleta no que concerne aos estudos da tradução e da adaptação. Dessa forma, corroboramos a ideia de que os aspectos da fidelidade não são importantes para a adaptação; isto é, a transcodificação – quando os signos são recodificados uma história diferente é criada – resulta sempre em um novo original.

Nesta pesquisa, pautamo-nos ainda na teoria da adaptação que, assim como aquelas relacionadas à tradução intersemiótica, também questiona a questão da fidelidade em adaptações. E, nesse sentido, classificações de obras adaptadas como infíeis não são levadas em consideração, afinal, isto apenas as inferiorizam perante o material tido como base para a construção da tradução. Mas a adaptação não precisa, necessariamente, seguir todos os caminhos que a obra a ser adaptada segue – mesmo porque isso seria impossível. Há outras formas de transformar símbolos e significados sem que precisemos tentar seguir à risca o material usado para a tradução, ou que seja caracterizado como cópia. Amorim (2013, p. 21, ênfase nossa) salienta que “[...] as adaptações devem ser encaradas não como cópias, mas como **transmutações** ou **hipertextos**, derivados de um texto de partida – ou vários – com ou sem origem especificada na intrincada rede dialógica de sentidos”. As adaptações seriam, desse modo, entendidas como transmutações ou hipertextos justamente na medida em que geram não apenas uma nova textualidade, mas uma que bebe dos

diversos elementos que surgem da obra original, e que não são, necessariamente, explorados por ela. A relação entre Norma e Norman talvez seja, no caso específico de nossos objetos de análise, o hipertexto mais significativo nesse sentido. Portanto, os estudos da teoria da adaptação refletem e contribuem para várias questões referente aos outros tipos de traduções de signos.

### **Discussão: “Duas partes de uma mesma pessoa”**

Tendo em vista os aspectos teóricos da tradução intersemiótica e da teoria da adaptação, iniciamos, a partir deste momento, a análise do material em questão: a série que nos faz refletir como uma adaptação organiza e estrutura os personagens de uma forma interdependente, mas, ao mesmo tempo, única. Portanto, analisaremos os trechos da série pensando em como são trabalhados os processos de adaptação das personagens e os elementos narrativos.

A série *Bates Motel* (Cuse, 2013-2017) inicia introduzindo os personagens Norman e Norma de forma a situar o telespectador na história; a primeira cena, por exemplo<sup>5</sup>, nos mostra como eles se relacionam diante de uma situação não muito agradável. Isso se dá, pois Norman acorda e encontra o pai morto após, aparentemente, ter sido esmagado acidentalmente por uma prateleira, na garagem. Ele fica desesperado e corre para avisar à sua mãe, Norma, que parece não muito surpresa com a tragédia, mas sim, apreensiva e preocupada com o filho desolado. O acidente do pai de Norman, Sam, dá o pontapé para que tudo se inicie, tanto a apresentação das personagens, quanto a redefinição da história adaptada.

Seis meses depois, os dois mudam de casa e de estado, assim, recomeçando do zero a vida que foi abalada pela terrível tragédia. Norma compra o motel<sup>6</sup>, que será administrado por ela

e pelo filho; com isso, a chegada dos personagens para o ambiente onde ocorre toda a trama (Bates Motel, 2013, S01E01. 02:50-06:53). Antes de seguir para a cena em si, é importante nos atentarmos ao elemento paratextual da abertura da série, porque, além de nos mostrar o título do seriado, ela também apresenta a placa que nomeia o motel onde se ambienta toda a história. É possível notar como, mesmo que a cena mostre a placa escrito “*Bates Motel*” com luzes neon, ela continua escura e com um teor sombrio — fora o fato que depois da placa apresentar todo o seu conteúdo, ela se apaga completamente (Bates Motel, 2013, S01E01. 06:40-06:53).

Algo bem comum acerca dessas personagens é a maneira como elas escapam dos problemas — a forma como tentam recomeçar a vida se esquecendo de tudo que as incomodam. É recorrente que elas ultrapassem essas barreiras tentando um novo começo, mesmo que, depois de muitas vezes, isso não se torne mais cabível. E isso nos é alertado na conversa das personagens quando chegam à nova casa: “NORMA: Norman, nós passamos por muito. Essa é nossa chance de recomeçar. NORMAN: Talvez algumas pessoas não possam recomeçar. Talvez elas só se mudem de lugar” (Bates Motel, 2013, S01E01. 05:33-05:43, transcrição nossa). Seguindo adiante, vemos também alguns elementos importantes para a construção da personagem, como, por exemplo, a cena em que Norman observa a sua mãe trocar de roupa (Bates Motel, 2013, S01E01. 06:00-06:53).

---

que se refere à sua tradução para o português brasileiro. Nos Estados Unidos, origem da narrativa, os motéis são conhecidos principalmente por hospedar viajantes para pernoite. Já no contexto brasileiro, ainda que também estejam geralmente localizados nas beiras das estradas e que, originalmente, sua funcionalidade fosse a mesma, esses estabelecimentos ganharam outras características. Atualmente, a maior parte deles trabalha com foco exclusivamente no entretenimento de casais adultos. Com essa transformação, motoristas e/ou famílias em viagem adquiriram o hábito de procurar onde dormir dentro das cidades por onde passam: nos hotéis. Nesse sentido, e tendo tudo isso em vista, a escolha por manter a palavra “motel” ao invés de “hotel” é interessante.

5 Bates Motel, S01E01. 00:00-02:50

6 Sobre o nome da série, que faz referência direta ao icônico Motel Bates, pode-se notar algo curioso naquilo

Esse é um ponto importante para a narrativa, pois já nos mostra indícios da obsessão que ele possui pela própria mãe; tanto que, em alguns momentos, sua relação com ela até se confunde, propositadamente, com paixão carnal. Outra observação relevante é acerca de como essa cena foi construída; a personagem Norma está no quarto do segundo andar, enquanto Norman a observa das escadas na parte externa da casa. Com base nesta cena, nota-se uma ação que é muito recorrente, tanto na série quanto no filme *Psicose* (Hitchcock, 1960): Norman observando a própria mãe na janela do quarto.

Dessa maneira, focando na representação da relação das personagens, podemos perceber uma manifestação disso ainda no primeiro episódio, quando Bradley, uma colega do colégio, convida Norman para sair, mas Norma nega a permissão (Bates Motel, 2013, S01E01. 16:07-18:33). Norman se irrita porque a mãe é superprotetora, e isso faz com que ele se veja obrigado a se afastar de qualquer pessoa com quem poderia aprender a se relacionar de um modo saudável. Isso causa muitos danos para o filho, pois essa superproteção faz com que ele sempre ache que a mãe está certa e que ele precisa se afastar das pessoas ou até, em alguns momentos, matá-las. É claro que proteger o próprio filho é algo natural, mas, aqui, o que pontuamos é que a relação dos dois pode ultrapassar essa linha “comum” de proteção. Norma sabe de um segredo do próprio filho, por isso se preocupa tanto em protegê-lo, protegendo, também, os outros dele. Da mesma forma que ela lida com os problemas escapando deles, Norma nunca explica direito o motivo dessa superproteção, somente agindo como autoridade máxima e sem tomar os cuidados adequados com a situação médica dele.

Entretanto, mesmo diante dos problemas do filho, é perceptível que a série explora os traumas que a personagem Norma tem em sua vida, ilustrando, também, como esses momentos ruins acabam influenciando futuramente Norman. O primeiro episódio da série começa

com um evento trágico e termina com uma cena traumatizante para ambos os personagens. Após uma discussão, Norma é assediada sexualmente por Keith Summers, o antigo dono do motel (S01E01. 22:50-27-58). Norman socorre a mãe, mas ela acaba matando o seu agressor: uma cena chocante para os dois. Eles arrumam o local e se livram do corpo para que consigam recomeçar sem serem vistos como criminosos, mas o que é interessante aqui é como essa cena tem relevância para o desenvolvimento dos personagens. Norman agiu como cúmplice de um crime que sua mãe cometeu, mesmo que em defesa própria. Por isso, ele revive esse momento diversas vezes durante a série inteira — ele vive como se estivesse protegendo a mãe dos problemas e agressores.

Dessa forma, com a introdução do episódio piloto, pensamos no que a apresentação do ambiente e das personagens podem mostrar logo de início. Portanto, com isso, é perceptível como:

Adaptações dessa ordem não só oferecem mais detalhes, especialmente sobre a vida interior dos personagens adaptados, como, no processo, ajudam a promover a identificação do público/leitor com esses personagens. Ademais, elas podem acrescentar cenas que não aparecem no roteiro ou no filme, oferecendo, por exemplo, a perspectiva de um personagem secundário sobre a ação. (Hutcheon, 2013, p. 164).

Conseguimos identificar que o contexto inicial da série — o que será apresentado nesta narrativa — se ambienta antes do que ocorre no filme *Psicose* (Hitchcock, 1960). Com a série, podemos ver por outra perspectiva; é possível visualizar o que aconteceu com o personagem que já existia no filme, o Norman, e isso também se ilustra nas personagens que não são explorados anteriormente, como a Norma, por exemplo, que já está morta no filme, mas que, na série, tem uma importância crucial. O foco passa a ser o que não foi trabalhado antes, ou seja, na relação de mãe e filho entre Norma e Norman. Conforme dito, é isso que identificamos, que

a série se preocupa em explorar a forma como vai nos guiar até a situação conturbada entre as personagens — o processo que leva Norman a se tornar o que conhecemos nas obras anteriores.

Pensando nessa construção temporal que a adaptação da série acata com essa roupagem, podemos perceber também que a tradução não necessariamente precisa se preocupar com o quesito fidelidade, pois “[...] ela cria sua própria verdade e uma relação fortemente tramada entre seus diversos momentos, ou seja, entre passado-presente-futuro, lugar-tempo onde se processa o movimento de transformação de estruturas e eventos” (Plaza, 2003, p. 1). Com isso, entendemos que o processo da tradução, que exige a leitura, a compreensão e a transcodificação dos signos, constrói uma narrativa a qual, mesmo que foque no passado, ou seja, no material base, ainda se transforma em algo novo, pois recorta o “velho” para produzir o “novo”. Isto significa dizer: ainda que o passado anteceda o presente, este só é possível em função daquele. O que temos aqui é quase um paradoxo, comum no mundo das recriações artísticas: ainda que pensemos em processos de tradução e adaptação como algo que vem “depois”, esse “depois” pode representar momentos anteriores àqueles representados pela obra-fonte, conturbando essa relação. Por esse motivo é que, também, esses textos se influenciam — ainda que difiram muitas vezes no conteúdo.

[A] tradução é, portanto, o intervalo que nos fornece uma imagem do passado como ícone, mônada. A tradução, ao recortar o passado para extrair dele um original, é influenciada por esse passado ao mesmo tempo em que ela também como presente influencia esse passado (Plaza, 2003, p. 6).

Nesse sentido, a série traduz e reinventa a narrativa de modo a explorar os elementos que se ocultam na obra fonte, uma vez que um contém propósitos narrativos diferentes do outro. Ademais, o ritmo de um também se

altera comparado com o outro. Isto porque, apesar dos signos filme e série parecerem muito equivalentes por serem ambos audiovisuais, o fato da série poder se estender por várias temporadas, com episódios curtos, muda completamente o “ritmo” da narrativa, como aponta Hutcheon.

Elas [narrativas] podem perfeitamente mudar - radicalmente, em sua grande maioria - durante o processo de adaptação, e não apenas no ordenamento do enredo, embora esse seja o caso mais óbvio. **O ritmo pode ser transformado**, o tempo comprimido ou expandido. Mudanças na focalização ou no ponto de vista da história adaptada podem conduzir a diferenças significativas. (Hutcheon, 2013, p. 34, ênfase nossa).

Além disso, pensando no formato de série televisiva, é necessário criar “micronarrativas” para dar conta de fazer o público ter interesse em assistir aos episódios. Também é preciso criar uma história maior, muito mais embasada e complexa para que este interesse também se traduza na busca pelas próximas temporadas, de modo a responder perguntas que ainda estão longe de serem respondidas. Dessa forma,

[...] a televisão partilha com o cinema de várias convenções naturalistas e, portanto, as mesmas questões de transcodificação no que diz respeito à adaptação. Todavia, numa série televisiva há mais tempo disponível e, dessa forma, menos necessidade de comprimir o texto adaptado. (Hutcheon, 2013, p. 79).

Assim, é com essas diferenças que percebemos como são trabalhadas tanto as narrativas e “micronarrativas” quanto o desenvolvimento das personagens que acompanham ambas as adaptações.

Dando prosseguimento à análise do nosso objeto, é notável como, na série, Norman é lentamente encaminhado para se tornar o personagem problemático que é retratado no

filme. Identificamos, no seriado, os pequenos momentos em que ele tem os apagões onde se transforma em outra pessoa. Com isso, ele fica em transe, sem saber o que está fazendo e o porquê está fazendo. Mas um dos pontos importantes é que quase sempre ele visualiza uma representação da própria mãe, Norma, que o influencia a fazer coisas por ela. Assim como trazido anteriormente, os traumas passados tiveram grande influência na vida de Norman — que já apresentava um histórico de alguns transtornos psicológicos — mas, com essa exposição, tudo aparentemente se agravou e se repetiu em suas alucinações. Em (Bates Motel, 2013, S01E03. 36:08-37:20), podemos observar que ele tem seu primeiro apagão retratado; é interessante notar como a cena foi produzida para mostrar esse acontecimento. O personagem é mostrado deitado na cama e, pela janela, o dia passa rapidamente até chegar à noite, ilustrando, assim, o período em que ele ficou em transe. De uma maneira sombria, a ilusão da própria mãe entra no quarto, sentando-se na cama para conversar com o filho. É interessante ver como é retratada esta alucinação, porque, enquanto os personagens conversam, Norma aparece somente quando fala, mas, ao trocar de câmera para mostrar os dois em cena, é possível ver que Norman está sozinho no quarto, não havendo ninguém além dele mesmo na cama.

### FIGURA 1 – NORMA(N)



Fonte: Printscreen realizado pelo autor, a partir da série Bates Motel (2013).

### FIGURA 2 - NORMAN



Fonte: Printscreen realizado pelo autor, a partir da série Bates Motel (2013).

Esse apagão do Norman ocorre devido à preocupação com o futuro da mãe: ele precisava salvá-la da cadeia. Ambos estavam em uma situação de perigo, por isso, Norman busca fazer alguma coisa para sair desse problema. Mas, aqui, podemos perceber como essa alucinação de Norman entra como o refúgio para que ele consiga fazer as “coisas erradas” que normalmente não conseguiria fazer. Desde o assassinato do antigo dono do motel, Norman entra em cumplicidade com a mãe para manter sua proteção e ajudá-la, assim, a se livrar de tudo que pode fazer mal para os dois.

Tal como nas cenas anteriores que ilustram a superproteção materna e o desejo mútuo de proteção, a cena do último episódio da primeira temporada reforça esta mesma lógica — podemos perceber o encaminhamento do personagem Norman para um preocupante estado mental. Norman tem outro apagão que também contém a alucinação de sua mãe dando ordens sobre o que deve ser feito. Como vimos anteriormente, Norma tem essa tendência a proteger demais o próprio filho, tanto que ele não desenvolve uma vida social saudável o suficiente para conseguir se relacionar direito com as pessoas. Por isso, com a negação à liberdade do filho, a alucinação Norma(n)<sup>7</sup> o

7 Para esse estudo, Norma(n) é a maneira como chamaremos a versão ilusória que o protagonista cria da mãe, Norma. De certo modo, essa outra identidade do filho acaba funcionando como uma espécie de terceira personagem, sempre que surge nos momentos em que Norman sofre com suas alucinações.

protege de qualquer possível contato ou relações que ele possa ter com mulheres.

Com isso, quando Norman sai do baile de formatura, após sofrer alguns ferimentos em conflitos com colegas, a professora, por quem ele já havia demonstrado interesse, o encontra e oferece uma carona até sua casa para poder ajudá-lo com os machucados (Bates Motel, 2013, S01E10. 37:30-39:53). Após terminar os curativos, a senhorita Watson vai trocar de roupa no quarto, sendo que Norman tem a completa visão da cena. E, assim, quando ele se sente atraído pelo que vê, sua mente começa a trabalhar produzindo mais uma alucinação, em que a representação de sua mãe o induz a matar a professora eliminando, assim, a “ameaça”, como podemos ver na transcrição da cena:

NORMA(N): Que tipo de mulher adulta convida um adolescente a casa dela e muda de roupa onde ele possa ver? NORMAN: Não é o que ela tá fazendo. NORMA(N): Claro que é. NORMAN: Não, não, ela está tentando me ajudar. NORMA(N): Está tentando te seduzir. NORMAN: Não é verdade. NORMA(N): Então por que ela não fecha a porta? NORMAN: Por que... NORMA(N): Porque ela sabe que você está olhando. NORMAN: Ela não sabe! NORMA(N): É claro que ela sabe. Ela quer que você veja o corpo dela, quer que você a queira. NORMAN: Para! NORMA(N): Norman, sabe o que tem que fazer! (Bates Motel, 2013, S01E10. 37:30-39:53, transcrição nossa).

Norma(n) incorpora o moralismo que a relação entre mãe e filho implica, entre outras coisas. Toda mulher é uma ameaça, toda mulher é uma predadora: é nisso que Norman começa a acreditar – e a figura austera de sua mãe, por meio da alucinação, contribui diretamente para isso. Com esse primeiro assassinato, temos o final da primeira temporada da série. Ao final do último episódio, podemos ver que Norman não lembra do que aconteceu e, assim, segue direto para os braços da verdadeira mãe que o acolhe, enquanto, no local do assassinato, está o corpo da senhorita Watson.

Isso também nos leva a refletir sobre como Norman continua cometendo erros sem receber a devida ajuda, enquanto sua condição mental se deteriora. Um dos grandes motivos pode ser que Norma se nega a aceitar que ele realmente necessita de ajuda, por isso, tudo é encoberto — todos os problemas são explicados para que ele não seja acusado — e, assim, eles consigam viver esse “recomeço” sem a assombração dos problemas passados. No segundo episódio da segunda temporada (Bates Motel, 2013, 28:00-31:00) podemos perceber que tudo chega a um ponto em que os dois passam a suspeitar que algo de muito errado realmente aconteceu na noite em que Norman foi para a casa da senhorita Watson. Ele fica irritado porque a mãe tenta distraí-lo enquanto ele tenta descobrir se foi ou não o assassino de sua professora. Contudo, Norma o protege desviando a sua atenção para que ele não pense nessa possibilidade.

Podemos perceber que ambos estão assustados com a situação, porque tudo se encaminha para que ele realmente seja desmascarado como verdadeiro culpado. Entretanto, mãe e filho tentam se proteger para que tudo fique bem novamente — o que, obviamente, não acontece. Norma o questiona sobre o que realmente aconteceu na noite do assassinato e ele responde que não lembra de nada, fazendo com que a mãe fique mais preocupada que filho seja, de fato, o assassino. Apesar disso, quando a mãe confessa estar com medo e assustada, Norman tenta recompô-la explicando que provavelmente nada aconteceu, confortando-a e, assim, protegendo a mãe mais uma vez. Isso mostra novamente como a relação de proteção mútua dos dois é forte, pois, mesmo nessa situação, ambos tentam se proteger, ignorando, assim, qualquer obstáculo psíquico ou criminal.

Por outro lado, o estado mental de Norman não melhora. Cada vez mais ele demonstra estar precisando de ajuda com os seus apagões. Tanto que, quando Caleb, o irmão de Norma, a reencontra, tudo desmorona para

ela, e, conseqüentemente, o estado mental de Norman avança para uma situação crítica. Ele se preocupa com a mãe, devido ao que ela o confessou sobre seu irmão; no passado, ela teria sofrido de abusos sexuais por parte de Caleb. Norman busca explicações do tio, e quando de fato se encontram (Bates Motel, 2013, S02E04. 38:10-40:19), a situação sai do controle. Norman é empurrado e, com isso, começa a (re)viver os traumas da mãe — ele realmente consegue visualizar a cena do abuso, criada de forma instantânea em sua mente. Aqui podemos perceber o quanto Norman é afetado pelos problemas pessoais que a mãe passou em sua vida. Quase como se os dois fossem uma pessoa só, em uma relação patológica e simbolicamente simbiótica. Dessa forma, a partir desse momento, notamos essa constante: Norman, além de visualizar e receber conselhos, também incorpora a própria mãe, agindo como se fosse a própria Norma.

Conforme a narrativa da série se desenrola, o estado mental conturbado de Norman vai deixando de ser segredo, sendo que suas alucinações se tornam cada dia mais constantes. Mesmo assim, sua mãe segue fazendo vista grossa, de modo a protegê-lo a qualquer custo. Assim como já vimos antes, isso se torna uma atitude cada vez mais frequente, e, quando ela é acusada pelo próprio Norman de estar escondendo algo que ele faz, vemos como ela o protege inclusive dele mesmo, conforme transcrição da cena:

NORMAN: Você disse que algo acontece comigo quando eu apago. NORMA: Norman... NORMAN: Você disse que mudo, que não sou eu mesmo. Quem eu sou, mãe? Quem eu sou e o que eu faço? NORMA: Norman... eu amo muito você. E eu disse essas coisas e são verdade. Mas nós não vamos falar sobre elas. NORMAN: O quê? NORMA: Você tem que confiar que eu estou te protegendo, e que eu conheço você melhor que qualquer um, porque eu não vou responder a sua pergunta e eu não quero que me pergunte de novo. (Bates Motel, 2013, S02E07. 33:00-35:15, transcrição nossa).

Amparado por essa teimosa negação por parte da mãe, que não quer encarar o problema, Norman segue com o estado mental cada vez pior, sem que ele consiga resolver os problemas que vem passando. Entretanto, isso começa a mudar quando ele é sequestrado<sup>8</sup> e reflete sobre a noite em que a senhorita Watson foi morta, conseguindo, então, ter plena consciência de que foi ele mesmo quem a matou.

No último episódio da segunda temporada (Bates Motel, 2013, 10:50-14:08), Norman revela para mãe que tem certeza de que cometeu o crime, porque ele conseguiu visualizar o que até então estava apagado de sua mente — a cena em que ele assassina a professora. Por outro lado, também temos, outra vez, a negação por parte da Norma, que ignora o desabafo do filho e tenta protegê-lo, mesmo sabendo que tudo que ele disse era a verdade. Contudo, a relação dos dois já estava beirando o desastre por tudo que estavam passando: em um intervalo de tempo muito curto, Norman foi sequestrado e resgatado sendo que, depois disso, foi agendado um teste com o polígrafo para detectar se ele fala a verdade quando diz que não teve envolvimento na morte de Blaire Watson. Com isso, ele fica totalmente devastado ao ponto de tentar cometer suicídio para se livrar de todo o

8 Devido a necessidade de contemplarmos a relação do Norman e Norma, não nos aprofundaremos aos enredos secundários das personagens. Entretanto, como foi citado no texto, contextualizaremos o motivo de Norman ser sequestrado. Na segunda temporada Norma se envolve em negócios com um homem muito poderoso na cidade, chamado Nick Ford. Ela tem a intenção de impedir um desvio na rodovia que reduziria drasticamente o trânsito de viajantes das proximidades do seu motel, arruinando os seus negócios. Nick a ajuda e Norma fica em dívida com ele. Depois, descobrimos que Nick Ford tem diversos rivais na cidade. Entre eles, conhecemos Zane, um traficante de drogas que, por acaso, é chefe de Dylan, o filho mais velho de Norma. Quando se dá conta disso, Nick cobra a dívida com Norma pedindo para Dylan matar o chefe. Quando Dylan se recusa, Nick coloca em operação o seu plano b, sequestrando o protagonista. Feito isso, ele enfatiza que, se Norma não convencesse seu primogênito a cumprir com a exigência, ela nunca mais veria Norman de novo.

sofrimento que estava passando e pela dor que ele causava em sua mãe.

Com o advento dessa cena (Bates Motel, 2013, S02E10. 32:20-35:40), temos alguns pontos importantes para reflexão acerca da relação dos personagens, sendo interessante como ela nos avisa o que pode acontecer futuramente. Norman está ciente de como, durante seus apagões e alucinações, ele se torna capaz de ferir as pessoas, até mesmo quem ele mais ama, ou seja, sua mãe; por isso, ele diz: “Não quero ser quem eu sou. Eu não quero te ferir. Tem algo de errado comigo, eu sou mau”. Tudo indica que Norman acabe fazendo algo muito ruim com as pessoas ao seu redor, devido a sua instabilidade psicológica e daí decorre esse surto. Outro detalhe é que conseguimos perceber novamente como mãe e filho se protegem e seguem vivendo nesse ciclo em que precisam enfatizar que são a mesma pessoa, incessantemente protegendo um ao outro de tudo e de todos, independente de que. Nesse momento, Norma desempenha papel crucial para salvar o filho da tentativa de suicídio. Apesar disso, conseguimos ver como essa relação de proteção sempre entra como desculpa para explicar as ações de Norman, sendo-lhe revelado que ele foi o culpado pela morte do pai (algo que o público já imagina devido a algumas dicas que surgem ao longo do seriado), que ele mata por tentar proteger sua mãe. Os traumas que Norma apresenta em sua vida são muito importantes para entendermos o que acontece com Norman. De certa maneira, a personalidade de Norman se constrói através da reprodução sucessiva dos piores traumas supostamente vividos por sua mãe.

Dito isto, chegamos em um ponto interessante deste episódio (Bates Motel, 2013, S02E10. 37:45-40:24): o momento no qual Norman faz o exame do polígrafo para identificar se ele, de fato, matou ou não a senhorita Watson. Ele responde às perguntas normalmente, mas, quando chega no momento específico de dizer se ele cometeu o crime, Norman tem mais uma de suas alucinações.

### FIGURA 3 - POLÍGRAFO



Fonte: Printscreen realizado pelo autor, a partir da série Bates Motel (2013).

NORMA(N): Norman. Norman. Norman, você precisa saber de algo muito importante. NORMAN: O quê, mãe? NORMA(N): Você não matou Blaire Watson. Eu matei! NORMAN: Você matou? NORMA(N): Sim. Você precisa guardar esse segredo. Você promete? NORMAN: Eu prometo! NORMA(N): Eu sempre estarei aqui por você! Eu sempre vou te proteger, não importa o quê. (Bates Motel, 2013, S02E10. 37:45-40:24, transcrição nossa).

A Norma(n) surge pontualmente com o propósito de proteger o filho e confessar que, na verdade, foi ela quem cometeu o crime, deixando-o, portanto, tranquilo em relação à sua culpa no ocorrido. Observando esse diálogo, conseguimos ver claramente o que essa relação de superproteção acaba acarretando no agravamento do estado psicológico de Norman. Ele transfere a culpa do que ocorreu para a Norma(n), que confessa o crime. Dessa forma, novamente, assim como no primeiro episódio, ele fica na posição de cúmplice, ajudando a mãe com os seus problemas, que devem ser abafados, pelo menos até que ele possa resolvê-los.

Prosseguindo na narrativa, chegamos a um dos pontos mais decisivos acerca da relação das personagens: a terceira temporada. Essa temporada é marcante porque, a partir dela, tudo começa a desmoronar e mãe e filho acabam cada vez mais desconfiados, vivendo uma relação de crescente suspeita um em relação ao outro. Em uma cena (Bates Motel, 2013, S03E03. 33:40-

38:07), Norma suspeita que o filho matou uma das inquilinas do motel, a qual desapareceu durante sua estadia. Norman, por sua vez, se revolta, pois “sabe” que não cometeu o crime. Ele fica totalmente descontrolado e começa a desabafar que estava disposto a admitir que matou Blaire Watson no teste do polígrafo, mas que não o fez por causa da mãe. Norman explica que tudo que ele faz é por ela, ainda que tudo que Norma faça também seja por ele. Outro ponto importante desse momento da narrativa é que Norman se afasta da mãe depois da discussão e, logo em seguida, surge a alucinação Norma(n) que, curiosamente, sempre aparece nos momentos de maior vulnerabilidade dele.

Norma(n) explica que, quando ele foi sequestrado e estava preso, “ela” conseguiu visualizar o que houve na noite em que a Blaire Watson morreu. Por isso, seria uma alternativa plausível repetir o feito para entender o que acontecera com a hóspede do hotel. Depois, em um dos seus flashbacks, logo após ouvir o conselho, Norman se afunda na água da banheira e recria na memória a imagem da mãe dando um golpe no pai, Sam. Essa imagem se choca com aquilo que a Norma real havia lhe contado – isto é, que o assassinato do pai havia sido obra do filho, Norman. Assim, podemos ver como a relação dos dois fica extremamente conturbada, sendo que Norman passa a ter plenas convicções de que sua mãe é quem comete todos os crimes, apesar de culpa-lo. Norma, por sua vez, se vê desgastada pela situação do filho, contando com cada vez menos energia e paciência para seguir tentando ajuda-lo, à sua maneira.

Assim como vemos o lado totalmente devastado de Norman, também podemos compreender que Norma passa por um desespero extremo em relação ao que fará com o próprio filho. Ela sabe que Norman tem algum problema, mas teme procurar ajuda. Em um dado momento (Bates Motel, 2013, S03E06. 29:50-32-58), observamos como Norma está completamente desesperada: assustada com a situação psíquica do filho, mas mais assustada

com a perspectiva de terceiros descobrindo a verdade com relação a ele. Ela sabe do perigo, mas não tem coragem de agir. Norma parece achar que a superproteção dela é o suficiente para que ele não prejudique nem a si mesmo e nem a ninguém. Ela desabafa com um psicólogo sobre os apagões que o filho sofre e conta sobre o que houve com a morte do ex-marido, Sam. Segundo ela, Norman teve um de seus apagões e o matou para, assim, protegê-la.

Dessa forma, ainda no episódio mencionado acima (Bates Motel, 2013, 34:00-35:35), vemos como a situação alcança seu limite quando Norman, além de estar vestindo o roupão da mãe, age como se fosse ela fazendo o café da manhã. O público já está certo, a esse ponto, de que Norman precisa de ajuda médica e psicológica, mais do que de proteção; é possível, também, o público identificar que o Norman, nos momentos de alucinações, personifica a mãe tanto nas atitudes quanto no modo de vestir, ilustrando, assim, a maneira como Norma(n) é visto(a). Portanto, chegamos no ponto final da análise, quando a relação das personagens chega num momento crucial, onde a confiança e proteção estão vulneráveis. Com isso, é notável como a superproteção afeta os dois, os levando aos perigos causados por ambos. Mais tarde podemos ver que a negligência e superproteção de Norma têm consequências enormes para os dois, os separando e, ao mesmo tempo, os aproximando do que reconhecemos nas obras anteriores. A título de curiosidade, resumiremos o que acontece com as personagens nas próximas temporadas. Norman tenta se suicidar com a mãe para um “recomeço”, mas acaba sobrevivendo. Depois, em negação, Norman embalsama o corpo da própria mãe e assume, ainda com mais frequência, a figura que causou uma das cenas e *plot twists* mais famosos do cinema, Norma(n) Bates.

## Conclusão: “Uma alusão mais que passageira”

Em suma, com essa pesquisa, observamos como foi criada a adaptação *Bates Motel* (Cuse, 2013-2017), pensando, principalmente, nas personagens Norman e Norma. É importante observar o quanto as adaptações podem contribuir uma com a outra, mostrando lados que não foram explorados anteriormente em outras obras, e nos dando a possibilidade de olhar por outra perspectiva através da série, o que abre outras diferentes possibilidades de leitura e interpretação. Isso é verdade naquilo que se refere às linhas temporais diferentes, como é o caso da série, que inicia alguns anos antes do que é retratado na obra fonte; mas, também, no que diz respeito ao surgimento de personagens novos, ou pouco explorados na obra anterior.

*Bates Motel* (2013) nos mostra então que “[s]er um segundo não significa ser secundário ou inferior; da mesma forma, ser o primeiro não quer dizer ser originário ou autorizado” (Hutcheon, 2013, p. 13). Portanto, é interessante ver como adaptações são transformadas e transformadoras desde o seu início; dessa forma, algumas delas podem se conectar em certos pontos, mas se distanciar em outros. Por, todavia, “em todos os casos, o engajamento com essas outras obras nas adaptações é extensivo, e não apenas uma alusão passageira” (Hutcheon, 2013, p. 46). Dessa maneira, é importante que as recriações sejam vistas como novas narrativas que, para além de uma alusão, se constrói como um novo tentáculo mais adequado para o signo em questão. Isso porque, por mais que algumas adaptações se distanciem consideravelmente da narrativa apresentada na obra-fonte, é o profundo estudo delas que permite que a imaginação de quem recria também alce diferentes voos.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Marcel Alvaro de. *Da Tradução Intersemiótica à Teoria da Adaptação Intercultural*:

Estado da Arte e Perspectivas Futuras. Araraquara, n. 36, p.15-33, jan./jun. 2013.

*BATES Motel*. Direção: Carlton Cuse. Produção: Justin Greene, Steven Kornacki, Alyson Evans, Scott Kosar, Erica Lipez, Christopher Nelson, Tim Southam, Jamie Kaye Wheeler. Vancouver: A&E, 2013-2017.

BLOCH, Robert. *Psycho*. New York: Fawcett World Library, 1959, p. 43.

HITCHCOCK, Alfred (Direção). *Psycho*. Estados Unidos: Shamley Productions, 1960.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Tradução André Cechinel. 2. Ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

PLAZA, Julio. *Tradução Intersemiótica*. 1ª edição. 2ª reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2003.

**Submissão: agosto de 2024**

**Aceite: maio de 2025**